

APRESENTAÇÃO

Nesta edição especial da *Revista da SEP* comemoramos o 25º aniversário da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e sua perseverança em fomentar as perspectivas críticas que constituem o campo da ciência econômica, na contramão da ortodoxia econômica, presa em seu soliloquio apologético e impermeável à grave realidade social que deveria compreender. Em meio a um contexto marcado pelo entrecruzamento de múltiplas ameaças – crise econômica, crise ambiental, crise sanitária, crise migratória, crise alimentar, entre outras –, cumpre comemorar a existência dos espaços de resistência e de construção do pensamento crítico, já que este é componente fundamental de qualquer esforço de transformação de uma realidade social que se mostra cada vez mais violenta, desigual e insustentável.

Para tanto, contamos com artigos de um conjunto de importantes economistas que muito contribuíram – e seguem contribuindo – para a consolidação e o fortalecimento da SEP, tendo ocupado a posição de presidentes da entidade: Victor Hugo Klagsbrunn (gestão 1996-1998), Rosa Maria Marques (gestões 1998-2000 e 2000-2002), Pedro Cezar Dutra Fonseca (gestão 2002-2004), Leda Maria Paulani (gestões 2004-2006 e 2006-2008), Paulo Nakatani (gestões 2008-2010 e 2010-2012), Niemeyer Almeida Filho (gestões 2012-2014 e 2014-2016), Marcelo Dias Carcanholo (gestão 2016-2018), Mauricio de Souza Sabadini (gestão 2018-2020), e João Leonardo Medeiros (gestão 2020-2022). Além disso, representando os distintos

conselhos editoriais da *Revista da SEP* ao longo de sua existência, Eleutério Fernando da Silva Prado também colabora com essa edição comemorativa.

Assim, a seção de artigos do presente número inicia-se com o texto “Um espectro ronda o debate acadêmico – o fantasma do capital fictício”, de Viçtor Klagsbrunn, que analisa o debate recente sobre o conceito de capital fictício, especialmente entre acadêmicos brasileiros, indicando a existência do que o autor chama de “dificuldades teóricas cruciais para caracterizá-lo e desenvolvê-lo”. Segundo ele, as contribuições ainda não foram satisfatórias no campo marxista, e suas debilidades só serão superadas a partir de um tratamento lógico dos conceitos como abstração real, como necessidade social.

O artigo seguinte, “Socialismo ou barbárie: o futuro é agora!”, de Rosa Maria Marques, discute a necessidade de superação do capitalismo a partir de dois aspectos, o do meio ambiente e o do mundo do trabalho, lançando reflexões sobre a urgência de promover uma alteração radical na relação homem/natureza e na forma de apropriação da produtividade resultante da tecnologia microeletrônica. A autora alerta que, embora esses elementos não esgotem as contradições do modo de produção capitalista, seu enfrentamento é fundamental num processo de ruptura com o modo de produção capitalista, cujo subproduto fatal é a barbárie, marcada pela contínua exclusão de milhões de trabalhadores do mercado de trabalho e pela exposição crescente da humanidade a patógenos desconhecidos.

Na sequência, encontra-se o artigo de Pedro Fonseca, “Quando a virtude é o problema: a atualidade de Celso Furtado”, que ilumina dois elementos essenciais a partir dos quais a atualidade daquele autor pode ser evidenciada, a saber, a categoria subdesenvolvimento na análise econômica e a categoria democracia. Constatando que “a atualização exige novas soluções e não apenas a repetição do que um dia fez sentido e ora está superado”, Pedro Fonseca reafirma a atualidade de Celso Furtado, pois, em que pesem as tantas transformações ocorridas no mundo nas últimas cinco décadas, diz ele, “subdesenvolvimento e autoritarismo perduram”.

O quarto artigo, intitulado “Ciência Econômica e Economia Política”, de Leda Paulani, reproduz uma aula magna proferida em setembro de 2020 na Universidade Federal do ABC. Utilizando o que ela chama de “tom pessoal”, a autora concilia a reconstrução de sua trajetória profissional com uma reflexão sobre os rumos da ciência econômica e o papel inescapável da universidade na provisão de um ensino plural.

Em seguida, vem o artigo “A formação dos economistas e a Economia Política no Brasil”. Nele, Paulo Nakatani apresenta uma valiosa reconstituição dos caminhos percorridos pelo ensino de Economia Política nos cursos de graduação em Economia no Brasil, a partir da aprovação da Resolução nº 11/1984 e do parecer de número 375/1984, do Conselheiro professor Armando Dias Mendes, ressaltando a importância da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Economia (ANGE) e da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Essas instituições são apresentadas como contraponto fundamental ao avanço da ortodoxia neoliberal e ultraliberal nas últimas décadas, tendo sido eficazes na abertura de espaço para os economistas heterodoxos em todos os níveis da formação.

Niemeyer Almeida Filho é o autor do sexto artigo deste número, “Notas sobre as implicações da natureza do processo de transição ao capitalismo no Brasil para a reprodução da condição de dependência”. Partindo da análise do que chama de natureza da base econômica capitalista brasileira, o autor investiga suas implicações para a conformação da estrutura social de classes e frações, desenvolvendo, ao final, argumentos sobre os limites de transformação social quando se leva em conta a especialização produtiva estrutural brasileira.

No artigo seguinte, “Economia Política: ciência e crítica”, Marcelo Caranholo desenvolve uma análise crítica da relação entre a ciência econômica e seu objeto de estudo, a economia capitalista. Aborda o lugar e o significado da clivagem ortodoxia x heterodoxia, bem como o sentido mais apropriado para o que, ao longo da história do pensamento econômico, convencionou-se chamar de Economia Política.

O oitavo artigo, intitulado “A (crítica da) economia política, o capital fictício e os lucros fictícios”, de Maurício Sabadini, busca recuperar a trajetória de estudos de um grupo de economistas marxistas em torno das categorias capital fictício e lucros fictícios, enfatizando a importância da SEP como espaço de discussão para que as pesquisas avançassem.

No penúltimo artigo, João Leonardo Medeiros, no texto “Purgatório-21 (curtíssimo conto teológico-metodológico)”, procura dar seguimento às reflexões de cunho metodológico apresentadas por Mario Duayer no artigo “Purgatório (curto conto teológico-metodológico)”, também incluído nesta edição da *Revista da SEP*.

Por fim, a sessão se encerra com o artigo de Eleutério Prado, “Uma introdução à lógica da crítica da Economia Política”. Sinalizando desde o princípio sua inspiração nos trabalhos de Ruy Fausto, e tendo como ponto de partida a seção sobre o fetichismo da mercadoria no primeiro capítulo de *O Capital*, o autor procura organizar as principais categorias da crítica da economia política de Karl Marx, com o fim de mostrar “como a intersubjetividade atua nessa crítica”. Para tanto, proposições próprias à teoria da linguagem são analisadas à luz da crítica da economia política, culminando em reflexões instigantes sobre o tipo de sociabilidade que a linguagem, como um fetiche, pode engendrar.

Esta edição especial homenageia Mario Duayer, recentemente vitimado pelo novo coronavírus, publicando novamente, conforme mencionado, o referido artigo “Purgatório”, que originalmente compôs a segunda edição da *Revista da SEP*, em 1998. Por meio da homenagem a esse importante teórico marxista, prestamos reverência aos mortos pela Covid-19, que no Brasil beiram a sinistra cifra de meio milhão de pessoas – francamente subestimada –, e que globalmente já ultrapassam os 3,3 milhões de pessoas, enchendo-nos de dor e de revolta. Afinal, não fosse a sanha genocida e desmedida do capital, boa parte dessas perdas teria sido evitada.

A despeito dessa mortandade, as patentes das vacinas seguem sendo preservadas, e seus insumos continuam monopolizados por um restrito número

de países, contribuindo para o lento ritmo da vacinação em boa parte do mundo e para o surgimento de novas e mais devastadoras cepas do vírus. Nesse contexto, avolumam-se as já mencionadas mazelas econômicas e sociais. Assim, em abril de 2021 existiam no Brasil mais de 14,2 milhões de desempregados, e quase 30 milhões de subempregados. E segundo estudo da Rede PENSSAN, cerca de 19 milhões de brasileiros passavam fome no final de 2020, e os habitantes de mais de 55% dos domicílios padeceram de insegurança alimentar ao longo do ano passado.

Enquanto a economia claudica e investimentos nacionais e estrangeiros minguam, inclusive com a saída de grandes corporações transnacionais da país, indicando perspectivas nada promissoras num futuro próximo, o governo federal insiste no mantra da “austeridade fiscal”. A despeito desse grave cenário econômico e social, bem como das tensões que se acumulam, tendo como uma de suas expressões recentes as atividades da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, por ora Bolsonaro segue contando com o apoio de importante parcela da população e do grande empresariado.

Restam evidentes os nexos entre a recalcitrância neoliberal e a deterioração das condições de vida de boa parte da população. Diante desse quadro, pode-se esperar a emergência de novas ondas de revoltas sociais radicalizadas, como as que estão em curso na Colômbia. Nos últimos anos, em diversos países, tais revoltas foram duramente reprimidas, ou mantiveram-se fragmentadas, ou ainda foram, em parte, canalizadas para projetos políticos conservadores e mesmo de extrema direita. No Brasil, o recente massacre no Morro do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, prenuncia o tipo de resposta que se pode esperar das distintas instâncias estatais diante de eventuais processos de insurgência popular. Não obstante, trata-se de um campo aberto, em que podem vicejar perspectivas emancipadoras, tão necessárias quanto urgentes.

Por fim, convém registrar a realização do XXVI Encontro Nacional de Economia Política em formato virtual, entre 8 e 11 de junho deste ano, com o tema geral “Centralidade do trabalho e crise do capital em um mundo

pós-pandêmico”, e agradecer o apoio da Universidade Federal de Goiás e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a realização do evento, e, neste último caso, também para a produção da presente edição da revista.

Boa leitura!

Os/As Editores/as